

A SEÇÃO DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA NO BRASIL, UM PROJETO DE GEOGRAFIA PARA O IMPÉRIO BRASILEIRO

Cristina Pessanha Mary¹

Este artigo apresenta os resultados parciais de nossa tese de doutorado² que se constitui, nas suas linhas gerais, em contribuição ao estudo da história da geografia, no Brasil de fins do Império, mais precisamente, procura levantar as concepções de geografia do período em questão.

Para tal fim, optamos pelo estudo da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa, desde sua criação, em 1878, até 1888, quando se obteve notícia do que se acredita tenha sido sua última diretoria.

Esta proposta, aparentemente simples, ganhou ares de intrincada trama, quando focalizamos o Rio de Janeiro, na década de 1880. Naquele momento, a cidade parecia respirar geografia, abrigando, além da Seção, mais dois institutos similares, ambos, carregando em seus nomes a denominação “geografia”, a saber, o Instituto Histórico e Geográfico, IHGB, criado em 1838, e, por fim, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, SGRJ³, de 1883. Movimentando este quadro, a profunda cisão no interior da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil, em 1881, quando um grupo abandona a Seção, inconformado com o veto de Lisboa a uma tentativa de transformação da Seção em grêmio nacional.

O gosto pela geografia naquele período não era incomum. Neste último quartel do século XIX, inúmeros grêmios, como os institutos da corte, animavam as capitais européias, ganhando força também na América Latina.

¹ Universidade Federal Fluminense. cpma@centroin.com.br

² A tese “A Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil, 1878-1888: um projeto de geografia para o Brasil, está em andamento no Programa de Pós-Graduação em História Social do IFCS/UFRJ, sob orientação do Professor Manuel Luiz Lima Salgado Guimarães. Nossa proposta de estudos prevê a análise da idéia de geografia de alguns membros representativos da Seção, tanto o grupo ligado ao interesse lusos, concentrados no Gabinete Português de Leitura, quanto àqueles comprometidos com uma geografia autenticamente nacional, desvinculada do legado ibérico.

³ SGRJ, Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, criada em 1883 por um vasto grupo, cujo núcleo contou com algumas figuras, como o Senador Francisco Correia e, outros, como o Barão de Teffé. CARDOSO, Luciene Pereira Carris. *A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: identidade e espaço nacional (1883-1909)*. Orientadora: Lúcia Paschoal Guimarães. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, abril de 2003. Dissertação de mestrado e PEREIRA, Sergio Nunes. *Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)*. São Paulo, USP, 2003. Orientador: William Vesentini, tese de doutorado.

Desde a década de 1960, estudos realizados sobre Sociedades de Geografia como as de Paris, Londres, Espanha, na sua maioria, apontaram a funcionalidade dos mesmos no quadro das ambições expansionistas dos estados nacionais europeus⁴.

Foi este o caso da própria matriz da Seção, a Sociedade de Geografia de Lisboa⁵. Esta organização, criada em 1875, por um grupo de intelectuais, esteve à testa do movimento colonial português, quando não se mediu esforços em prol da construção de um futuro de grandeza para a nação portuguesa, esforço escorado, principalmente, na exploração dos territórios africanos que, em fins do século XIX, se viam na eminência de passarem as mãos de outras potências.

A política colonial, entretanto, não explica a existência destes grêmios em áreas como a América Latina. Tomá-los apenas como agentes do imperialismo seria desconhecer o seu papel na formação de identidades nacionais de ex-colônias. Pesquisas orientadas para os institutos de geografia da América Latina salientaram o peso destes institutos nas políticas de cunho nacional. Assim, Leôncio Lopes-Ocón,⁶ ao comparar os institutos do gênero no Peru, Bolívia, México, Costa Rica e Argentina, mostrou sua importância como instrumentos de organização desses espaços nacionais.

No Brasil, é voz corrente nas ciências sociais o papel da história e da antropologia na composição de um rosto para a nação, entretanto, a geografia não fez por menos. Nos limites da realidade brasileira, a ligação entre a história, e a construção da nacionalidade não escapou aos que se debruçaram sobre o IHGB⁷.

⁴ Vários estudiosos não deixaram de sublinhar a relevância destes institutos como entidades capazes de reunir os interessados no desenvolvimento e divulgação da então ciência moderna, na medida em que se conectavam com outras instituições científicas, editavam boletins e organizavam congressos científicos.

⁵ A Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL) mantém suas atividades até os dias de hoje. Com as mudanças advindas no rastro das independências dos territórios coloniais, no entanto, ela perdeu seu sentido original. Atualmente, a SGL não passa de vestígio imponente de uma época perdida, ela própria, monumento de uma história que não pode mais contar. Para maiores detalhes sobre a campanha colonialista da SGL, ver: GUIMARÃES, Ângela GUIMARÃES, Ângela. *Uma Corrente do Colonialismo Português. A Sociedade de Geografia de Lisboa 1875-1895*. Porto: Livros Horizonte, 1984. Para um panorama consistente, acerca de outras sociedades de geografia europeia, ver: ESTEBAN, José Antonio Rodríguez. *Geografía y colonialismo. La Sociedad Geográfica de Madrid (1876-1936)*. Madrid, UAM Ediciones, 1996.

⁶ LÓPEZ-Ocón, Leoncio. "Les sociétés de géographie: Un instrument de diffusion scientifique en Amérique Latine au début du XX^e siècle (1900-1914)." In: PETITJEAN, P. (dir.). *Les Sciences hors d'occident au XX^e siècle*. Vol. 2: *Les sciences coloniales: figures et institutions*. Paris: ORSTOM, 1996.

⁷ Nesta linha ver: GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado, "Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o Projeto de uma História Nacional". In: *Estudos Históricos*, nº1. Rio de Janeiro: FGV 1988. Lília. SCHWARCZ, Lília Moritz. *Os guardiões de nossa história oficial, os institutos históricos e geográficos brasileiros*. São Paulo, IDESP, 1989. GUIMARÃES, Lúcia Maria Pascoal. *Debaixo da imediata proteção imperial: o instituto histórico e geográfico brasileiro (1838-1889)*. Rio de Janeiro, Revista do IHGB, a.156, nº 388,1995.

No caso da geografia, os esforços as pesquisas mais recentes sobre a SGRJ⁸, também apontam para a vinculação da geografia com o projeto nacional. Com o estudo da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa, nesta mesma linha, esperamos contribuir para resolução de algumas questões que se impõem.

O estudo da geografia na cidade do Rio, em fins dos dezenove, tem um gosto diferente, apimentado tanto pela questão da inusitada proliferação de grêmios em uma mesma cidade, quanto pela cisão no interior da Seção. Afinal, se a geografia se propunha a cunhar um projeto para a nação, como acertadamente pensa a historiografia, o que dividia estes institutos, e, por que a divisão no interior da Seção? Acredita-se, piamente, que a origem, da proliferação de grêmios seja a mesma da cisão, calcada nas divergências quanto às propostas de geografia para a nação.

Levando-se em conta que a Seção constituiu-se como ponto de interseção de várias tradições de geografia, e, na tentativa de obtenção de maiores indícios acerca de nossa hipótese, procedemos à leitura das Revistas editadas pela Seção.

Na busca de um enredo coerente para esta história, foi necessário, primeiramente, ultrapassar o texto da Revista, pois, muitas vezes o nexos entre os agentes e as geografias que preconizavam, foi encontrado nos fios da memória, das biografias, ou mesmo nas alianças políticas e laços de amizade, outras tantas no posicionamento dos associados frente a situações políticas de maior vulto.

A Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil.

Reunidos na legação de Portugal no Rio, então residência do Visconde de São Januário, vindo ao Brasil com as instruções e credenciais necessárias fornecidas pela Sociedade de Geografia de Lisboa, quatorze sócios correspondentes da Sociedade de Lisboa, dentre barões, viscondes, generais e doutores, constituíram a Seção na cidade do Rio de Janeiro⁹.

⁸ CARDOSO, Luciene Carris. Op. Cit. 2003, EVANGELISTA, EVANGELISTA, Hélio de Araújo. "A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro". *Revista Geo-paisagem* (on-line). Vol. 1, nº1, Jan.jun. 2002 PEREIRA, Sergio Nunes. Op. Cit. 2003, ZUSMAN, Perla Brígida. **Sociedades Geográficas na Produção do Saber a Respeito do Território. Estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1838-1945)**. Orientador: Antônio Carlos Robert de Moraes. São Paulo: USP. 1996. Dissertação de Mestrado em Geografia.

⁹ Da lista dos convidados para o ato de fundação da SSSL estiveram presentes: 1-Visconde de Borges Castro, 2-Barão de Teffé ou Antônio Luís Von Hoonholtz, 3-Visconde de S. Salvador de Mattosinhos, 4-Benjamim Franklin Ramiz Galvão, 5- Boaventura Gonçalves Roque, 5-Candido Mendes de Almeida, 6-Augusto Emílio Zaluar, 7-Francisco Maria Cordeiro de Souza, 8-General Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rhoan, 9-João Marçal Moreira Pacheco, 10- Lucas da Costa Faria, 11-Miguel Ribeiro Lisboa, 12-Pedro Gastão Mernier, 13-Wenceslau de Souza Guimarães. Justificaram ausência: 14-

No discurso proferido durante a reunião de criação da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil, o Visconde de São Januário¹⁰, em clara alusão às aflições acerca das disputas dos territórios coloniais, empreendidas por Portugal, afirmou o desejo da nação portuguesa de não ficar atrás no “*certame em que se empenhava o mundo civilizado... o grande movimento europeu para as grandes descobertas em África onde os problemas sociais e científicos poderiam encontrar sua verdadeira solução*”.¹¹ Abordando a iniciativa do “ilustrado” rei belga, Leopoldo II, na tarefa de “*abrir o continente africano à civilização europeia e de extinguir o tráfico da escravatura*”¹², o cônsul reconheceu ser esta uma tarefa gloriosa e concluiu ser indispensável, para Portugal, aumentar o número de expedições, tendo em vista os fins enumerados (principalmente estudar as relações entre os vastos sistemas hidrográficos ocidentais e orientais da África).

Escorado em argumentos acerca do universalismo da ciência na batalha do progresso, capaz de irmanar sócios de nacionalidades diferentes, verdadeira preleção acerca dos benefícios advindos da participação da Sociedade de Geografia de Lisboa na política colonial portuguesa de manutenção dos territórios africanos foi destilada. De forma vaga, o Visconde concluiu que “*às seções compete à execução de todos os trabalhos relativos ao fim que se tem em vista, a sua publicação para utilidade publica e a coadjuvação recíproca.*”¹³

A cooperação proposta foi de imediato aceita entre os presentes, elegendo-se logo a seguir, por aclamação, o primeiro presidente da instituição recém-criada, a saber, o Senador Candido Mendes de Almeida¹⁴. Os demais membros da diretoria foram eleitos: Henrique de Beaurepaire Rohan e o Visconde de Borges Castro no cargo da vice-presidência, enquanto Francisco Maria Cordeiro e o Barão de Teffé figuraram como primeiros secretários.

Barão da Ponte Ribeiro e 15- Ladisláu de Souza Mello e Neto. Fonte: Revista da Seção da SGL no Brasil, RSSGL, nº1, 1881.

¹⁰ O Visconde de São Januário, ou Januário Correia de Almeida, primeiro presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e também seu presidente honorário, construiu uma carreira de sucesso em Portugal, tanto nas fileiras militares (pasta da marinha e do ultramar em 1880 e pasta da guerra em 1886) quanto na administração de territórios coloniais. Nobreza de Portugal, Editorial Enciclopédia, Lisboa: 1961.

¹¹ RSSGL, nº1, 1881.

¹² Idem.

¹³ RSSGL, 1ª série, nº 1, página 9, 1881.

¹⁴ A biografia de Candido Mendes de Almeida (1818/1881), primeiro presidente da SSGGL, revela uma carreira de destaque, iniciada com o bacharelato em ciências jurídicas e sociais, em Olinda, no ano de 1839. Professor da cadeira de geografia e história no Liceu de São Luís, foi também promotor público e deputado, tendo chegado ao Senado em 1871. Destacou-se na política e foi defensor intransigente dos valores do catolicismo. Sua produção versou sobre o direito e o que hoje denominamos história e geografia, no escopo desta última publicou o Atlas do Brasil. IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos da historiografia brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, IPEA, 2000.

Durante os seus três primeiros anos de vida, a Seção esteve em função da sua própria organização administrativa, envolvida com a redação e aprovação dos estatutos, regimento interno, firmando a sua estabilidade. No mais das vezes, os trabalhos da Seção se limitaram às comunicações do Senador Candido Mendes de Almeida sobre as novidades geográficas e o movimento civilizador das expedições geográficas; neste tempo, houve apenas uma conferência do Barão de Teffé e uma leitura do Tenente J. M. Albuquerque Bloem.¹⁵ O quarto ano, 1881, foi todavia marcante: se, por um lado realizou-se a visita do festejado explorador português Serpa Pinto¹⁶ e o lançamento da Revista da Seção, por outro houve o cisão entre os grupos, que sonharam com um grêmio nacional, e aqueles que permaneceram fiéis à proposta inicial. Acredita-se que a repercussão da tentativa de cisão tenha sido considerável, pois durante todo o ano seguinte, a edição da Revista foi suspensa.

De 1883 em diante, até 1886, mais precisamente, a Seção se reorganizou, sua revista voltou a circular, sessões de honra voltaram a ser organizadas. A partir deste momento, entretanto, até o seu ocaso em 1888, são escassas as fontes de informação.

Os signatários da ata de criação da filial compunham um grupo bastante uniforme quanto à posição social: quase todos pertenciam à elite fluminense¹⁷, variando quanto ao título nobiliárquico, patente ou armas; constando dentre eles, a exemplo do Visconde de Mattosinhos¹⁸, Emílio Zaluar,¹⁹ e Boaventura Gonçalves Roque²⁰, personalidades da colônia portuguesa radicada no Rio.

A formação profissional de grande parte deste grupo fundador não se distanciava daquelas, predominantes entre membros da elite do império. Assim, a medicina se fez

¹⁵ BSSGL no Brasil, 1ª série, Tomo I, nº 1, pg. 17, 1881. Na fonte não estão explicitados os temas da conferência dada por Teffé, nem a leitura realizada pelo tenente Bloem.

¹⁶ Inegavelmente, a figura do major Alexandre de Serpa Pinto, não pode ser dissociada das expedições por ele realizadas. Ainda que sua biografia contenha dados como sua amizade com D. Luiz, o governo de Cabo Verde, foram suas incursões na África que o transformaram em lenda nacional. Sua obra, *Como eu Atravessei a África*, apresentada em dois volumes - *"A Carabina D'el-Rei"* e *"a Família Coillard"*, o imortalizaram.

¹⁷ A elite imperial brasileira possuía diversas faces diferentes, burocrática, política etc. No entanto, até a fase final da monarquia, sua característica maior consistia na coesão explicada, dentre outros fatores, por certa unidade ideológica, provinda de socialização e treinamento comuns, como, por exemplo, o fato de obterem sua formação na Universidade de Coimbra. CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, Relume Dumará, 1996.

¹⁸ O Visconde, proprietário do periódico "O Paíz", era irmão do Conde de Mattosinhos, uma das mais importantes personalidades da colônia portuguesa radicada no Rio. CARVALHO, José Murilo. "O povo do Rio de Janeiro, bestializados ou bilontras?". In: *Revista do Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1996. 1986.

¹⁹ Emílio Zaluar (1826-1882), português naturalizado, pertenceu também ao IHGB e à SAIN tendo escrito, dentre outras publicações, a que tem sido apontada como uma das primeiras obras de ficção científica no Brasil, *"Dr. Benignus"*.

²⁰ Boaventura Gonçalves Roque, ou Visconde de Rio Vez foi presidente do Gabinete Português de Leitura no período 1871-1873. Como ele, seus colegas na Seção, Ramalho Ortigão, Eduardo Lemos, e Wenceslau de Sousa Guimarães, também presidiram o Gabinete em diferentes etapas.

representar pelo Barão de Ramiz;²¹ a engenharia por militares como o Visconde de Beaurepaire-Rohan,²² e por fim, as "gentes do direito", como a destacada figura do senador Candido Mendes, bacharel em ciências jurídicas e sociais.

No âmbito dos demais associados encontra-se um espectro largo de opções ideológicas, como o abolicionismo de Ângelo Agostini²³; o pensamento de Ramalho Ortigão, manifestamente favorável à continuidade da escravidão; liberalismo de Rebouças; o catolicismo dedicado de Candido Mendes de Almeida, filiado ao partido conservador; o monarquismo convicto de Carlos Maximiano Pimenta de Laet²⁴ e o pragmatismo do Barão de Teffé, prestando serviços tanto ao Império quanto à República.

À primeira vista, estas constelações detectadas no interior da Seção, parecem caracterizar à mesma como um mosaico de interesses difusos, aglutinando literatos, exploradores e políticos, cabendo indagar, se somente o apego à geografia poderia explicar a reunião destes homens.

Em 1881, a Seção contou em seus quadros com cento e setenta e nove sócios. Neste mesmo ano, vários filiados transitaram tanto nos meandros da geografia da Seção, quanto na história do IHGB. Outros integraram o Gabinete Português de Leitura, o Museu Nacional e o Observatório Nacional, caracterizando estes institutos como verdadeiros vasos comunicantes de sócios e idéias. Sendo assim, inferimos que o interesse pela geografia, não explicava, por si só, a existência e o fugaz sucesso do grêmio, atestando mais a fluidez das fronteiras entre os conhecimentos da história, da geografia e outros, e, menos, a razão de ser da Seção.

Para além do cultivo do conhecimento geográfico, outros aspectos concorriam para a reunião daqueles homens, em torno da Seção. Em muitos casos, o ingresso nestes institutos revelava o anseio por trocas de experiências e negócios.²⁵ Neste sentido, ressaltamos o fato de D. Pedro II, ter sido, simultaneamente, sócio honorário da Seção, e protetor do grêmio. Ainda que muitos filiados pertencessem à esfera das relações da família

²¹ Benjamin Franklin Ramiz Galvão ou Barão de Ramiz (1848-1938), também bacharel em ciências e letras, era formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Dicionário Bibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros, vol. 3. Rio de Janeiro, IHGB,1993.

²² Marechal Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan, filho do Conde de Beraurepaire, formou-se em ciências físicas e matemáticas; ao atingir o posto de tenente-coronel transferiu-se para a arma de engenharia. Deve-se ressaltar sua importância para a cartografia brasileira, tendo chefiado a comissão de levantamento da carta geral do império ao lado do Barão da Ponte Ribeiro. Na política, foi presidente das províncias do Pará e Paraíba, ocupando a pasta da Guerra. Dicionário Bibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros, vol. 4. Rio de Janeiro, IHGB,1993.

²³ Ângelo Agostini, jornalista de origem italiana, famoso principalmente em função de suas charges em prol das campanhas abolicionistas, publicadas, por exemplo, na Revista Ilustrada.

²⁴ Carlos Maximiano Pimenta de Laet, engenheiro de formação, foi jornalista, professor do Pedro II e também presidente do Circulo Católico. DBHGAB, vol. 3. Rio de Janeiro, IHGB,1993.

²⁵ COELHO, Edmundo Campos *As profissões imperiais. Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

imperial, privando de sua intimidade²⁶, a Seção pode muito bem ser pensada como meio de acesso aos círculos do poder.

Ao que tudo indica a Seção e suas co-irmãs, formavam uma espécie de engrenagem, onde cada instituto parecia servir como trampolim político nas teias do poder. Entretanto, acredita-se que algum tipo de projeto maior tenha mobilizado os associados do nosso grêmio. Afinal, as benesses que a convivência com o poder traria, poderia também advir de contatos e realizações em várias outras instituições.

Será preciso somar ao plano das ambições pessoais o conhecimento das concepções de geografia que circulavam pela Seção, bem como os projetos para a nação. Neste sentido a Revista editada pela Seção revelou-se como fonte preciosa.

Projetos de geografia para a nação na Coleção de Revistas da Seção da Sociedade de Geografia da Lisboa no Brasil.

Ao longo do período em que circulou a estrutura da Revista pouco mudou, ainda que as diretorias²⁷ variassem. A coleção de periódicos intitulada "Revista Mensal da Seção da Sociedade de Geografia no Rio de Janeiro", RSSGL, lançada pela Seção em abril de 1881, teve sua edição interrompida durante todo o ano seguinte, para ser retomada em 1883, mantendo-se com certa regularidade até o início de 1886, ano da última publicação de que se tem notícia. Atingindo em média dois números anuais, não fez jus à denominação mensal. Assim, em setembro de 1885, quando se inicia a segunda série, esta palavra foi suprimida do seu título. Frequentemente palestras e artigos eram publicados em partes, de modo a render vários números, distribuídos por diferentes fascículos. Ao final de um período - delimitado provavelmente em função de decisões acertadas no âmbito da redação com objetivos de se programar novas diretrizes à revista- obtinha-se a série. Neste caso tivemos duas: a primeira, composta das revistas editadas entre 1881 e fevereiro de 1885 e a segunda, com os fascículos publicados de setembro de 1885 até janeiro de 1886.

Através de anúncios relativos às condições de assinaturas, sabe-se que havia possibilidade de fazê-lo para um semestre ou um ano, existindo também a venda avulsa. Até o número editado em 1883, utilizou-se a Tipografia de Oliveira & Cia., a partir daí

²⁶ GUIMARÃES, Lúcia Maria Pascoal. Op. Cit.1995.

²⁷No caso da análise da Revista, estamos entendendo como "diretoria" os presidentes da Seção e o chefe de redação. Sucederam-se nessas funções, respectivamente: o Barão de Tefé e Fernando Mendes de Almeida-1881; Ladislau Netto e Antônio Serpa Pinto Junior-1883; o Barão de Parima e interinamente Eduardo Brito Cunha-1884 e1885 (jan. e fev.); o Barão de Jaceguay e Zeferino Candido-1885 (setembro em diante) e, por fim, outra vez como interino, Eduardo de Brito Cunha-1886 (jan.fe. e março). No âmbito deste artigo iremos nos referir prioritariamente aos nomes dos presidentes pois, ainda que alguns chefes de redação tenham sido figuras marcantes do ponto de vista político, como Fernando Mendes, filho de Candido Mendes e Zeferino Candido, eram hierarquicamente subordinados aos presidentes da Seção.

recorreu-se à Tipografia e Litografia de Moreira, Maximiano & Cia. No segundo fascículo da segunda série, e nos demais que lhe seguiram, a impressão ficou a cargo da Tipografia de G. Leuzinger & Filhos.

Sobre os assinantes e leitores do periódico pouco se apurou, supõe-se um público formado nas bibliotecas pertencentes aos grêmios, como também aqueles com os quais a Seção trocou periódicos, enfim, os próprios filiados da Seção ou a estes relacionados. Certamente a Imperatriz Teresa Cristina foi umas das leitoras, pois a coleção encontrada no IHGB, uma série especial, com capa de luxo, pertenceu à personalidade em questão.

Sabe-se acerca das dificuldades relativas à existência material da revista através de um apelo dirigido aos sócios instando-os a garantir a sobrevivência do periódico.²⁸ Um outro dado apurado refere-se ao fato de que a revista franqueava suas páginas a todos os artigos que interessassem de perto à geografia sem inquirir se os seus signatários fariam parte ou não do grêmio.²⁹ De todas as formas, foram poucos os nomes que não integraram a Seção e nela publicaram.³⁰

A partir da segunda série e aparentemente acompanhando a própria sofisticação da Seção que passou a se organizar em subseções, houve a inclusão de resumos, em francês, dos artigos ao fim de cada fascículo. Atribuímos a inclusão desses resumos às pretensões de se obter um alcance maior para a revista, afinal a Seção vivia a dar notícias de sociedades de geografia francesas, traduzindo seus artigos, e com elas a trocar publicações.

Via de regra, cada periódico se compunha de: "Notas da Redação" ou "Declaração", apresentando, comentando, prometendo regularidade, ineditismo e novos fascículos, funcionando assim como pronunciamento da equipe de redação sobre a revista; "Sumário"; artigos; seção intitulada "Crônica Geográfica"³¹, contendo inúmeras notas sobre temas do movimento geográfico mundial e, ao final, o "Expediente", indicando usualmente publicações

²⁸ RSSGL, Tomo II, 1883.

²⁹ RSGL, Tomo II, 1883.

³⁰ Os não associados que publicavam na revista eram em geral sócios de outras sociedades, como os da Sociedade de Geografia de Lille, com a qual a Seção se correspondia freqüentemente. Telêmaco Morocines Borba foi um dos raros nomes a publicar na revista e a não constar entre os filiados do grêmio. Até onde se sabe, o paranaense Telêmaco publicou livro intitulado "Atualidade Indígena", tendo seu nome batizado uma cidade onde foi criado. Segundo consta, Telêmaco tinha fama de apesador de índios no interior do Paraná.

³¹ Segundo José Fellipe Pestana, as crônicas procuravam abranger todas as especialidades possíveis. RSSGL nº1 da 2ª série de setembro de 1885. De fato, o leque temático das crônicas conseguiu a proeza de ser mais variado do que o da revista em si, mesmo porque os assuntos eram ali abordados de forma mais aligeirada. De qualquer forma, durante a segunda série, quando Pestana, um português de idéias abolicionistas, passou a assiná-las, os assuntos relativos à África passaram a predominar na pauta. Para maiores informações biográficas sobre Pestana, ver BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro : Tipografia Nacional , 1883-1902, 7 v.

recebidas pela Seção ou por ela enviadas para outras instituições, a incluir por vezes comentário bibliográfico.

Não fugindo ao ecletismo da geografia, generosa mãe, sempre disposta a abraçar todos os temas, as discussões e artigos apresentam um amplo leque temático, versando sobre assuntos aparentemente tão díspares quanto à adoção de um meridiano único, a fauna e a flora brasileira, a glótica, o tupi, a construção do Canal do Panamá, escavações de cidades na Babilônia, múmias no Egito etc.

Poucas foram às vezes em que se contou com ilustrações, à exceção do relato da expedição de Ladislau Neto, quando foram reproduzidos desenhos do autor. Somente em alguns raros momentos, quando da inclusão de atas de reuniões extraordinárias tratando de posse de diretorias, homenagens a expositores convidados, como também em algumas crônicas, consegue-se entrever os bastidores da Seção. Nas suas linhas gerais, os pronunciamentos da Redação são comedidos e escassas são as transcrições de opiniões.

A rigor, considerando-se somente os títulos listados nos sumários das revistas, não se detectariam alterações passíveis de serem consideradas como fases distintas do periódico, sob qualquer aspecto, afinal os temas parecem estar distribuídos de forma a contemplar os objetivos explicitados quando da criação da Seção portuguesa: engajamento no movimento geográfico mundial, fundamentalmente a exploração do continente africano, e dados relativos ao território brasileiro.

Entretanto, ao olharmos com mais atenção esta distribuição dos temas, tendo em vista a região abordada e as diretorias da revista, consegue-se demarcar três fases da revista.

Na primeira delas, relativa ao seu primeiro ano, em 1881, com o Barão de Teffé na presidência do grêmio, metade dos títulos focalizaram o Brasil, enquanto os demais pontos do índice se distribuíam entre África, América Latina e demais partes do mundo.

A segunda fase detectada agrupou as gestões sucessivas de Ladislau Neto, do Barão de Parima e de Brito Cunha, revelando a supressão dos assuntos relativos à África da pauta da revista.

Na administração do almirante Jaceguay, na terceira fase detectada, encontra-se a distribuição mais eqüitativa dos assuntos, que voltam a incluir a África, ao lado do Brasil. Cabe notar, entretanto, que, pela primeira vez, o tema "África" supera, em número, os relativos ao Brasil, bem como a inexistência de artigos relativos à "América Latina".

Na primeira fase, sob a Presidência do Barão de Teffé, a revista foi fiel depositária dos desígnios da "sociedade-mãe" em Portugal, oscilando entre a geografia brasileira, a

latino-americana e a portuguesa, e com inclinação maior para esta última, como se depreende dos festejos realizados quando da vinda do explorador luso Serpa Pinto³², a que se dedicaram os três últimos números da Revista no ano de 1881. Nestas revistas³³, dedicadas às homenagens a Serpa Pinto, por ocasião de sua passagem pelo Rio, durante os seguidos festejos, encontramos a reprodução dos discursos proferidos por várias personalidades ilustres, como o Senador Francisco Correia, Ramalho Ortigão, o então Presidente da Seção, Barão de Teffé, e por fim Alfredo de Escragolle Taunay³⁴.

Nas palavras de Alfredo E. Taunay, representante das comissões militares, proferidas no Hotel dos Estrangeiros, encontra-se uma postura interessante que, sem deixar de enaltecer os feitos do major português, engrandeciam também as realizações dos brasileiros nos sertões de Mato Grosso.

Quase ao encerrar seu discurso, Taunay voltou a focalizar nosso país, e, de forma inaudita, faz um apelo ao expedicionário português para se recordar do Brasil; neste apelo, viva, presente, a idéia de uma nação nova, não apenas um prolongamento português. Em Taunay, percebe-se, claramente, um outro programa para a geografia brasileira, distanciado da proposta lusa.

Na coleção de revistas como um todo, as referências à geografia faziam-se comumente através da utilização de expressões como "movimento geográfico"; "ciência geográfica" e "geografia moderna". Via de regra, quando se empregava "movimento geográfico", estava-se falando do avanço colonial dos países europeus, incluindo-se nesta concepção tanto a idéia de descoberta como da conquista e aproveitamento de territórios. A expressão "ciência geográfica" também envolvia a exploração de terras, mas concebia especificamente uma exploração eficaz, com novos métodos e técnicas científicas, a idéia de geografia moderna diz respeito sobretudo aos avanços da ciência.

Cabe aqui destacar os artigos do presidente da Seção, Teffé, incluídos nos números desta primeira fase da revista: estes consistem, basicamente, na reprodução de resumos do discurso, divididos em quatro partes, pronunciado na sessão pública de quatro de setembro de 1880, em defesa de seus trabalhos como demarcador de fronteiras do Império com a República do Peru.³⁵

³²Alexandre Serpa Pinto (1846-1900), major português, destacou-se por inúmeras expedições realizadas em território africano, mormente durante a fase aguda da disputa colonial em torno do controle da África Central. A sua produção literária, a relatar suas aventuras no continente, também contribuíram para sua fama. Foi sócio honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa e também do IHGB. Dicionário biobibliográfico de sócios estrangeiros (século XIX) v. 1. Rio de Janeiro, IHGB, 2001.

³³RSSGL, 1ª n° 3,4 e 5.

³⁴Alfredo E. Taunay ou Visconde de Taunay, militar de carreira, dedicou-se também à política. Sua consagração, no entanto, ocorreu no campo literário, a partir de títulos como Inocência, por exemplo.

³⁵RMSSGL, 1ª série, 1881, n° 1,2 e 3.

Na referida palestra, Teffé procurou esquivar-se dos ataques desferidos (através da imprensa e cartas) pelo Barão de Ladário³⁶, seu antecessor na presidência da comissão de demarcação do Amazonas, criada em 1861 pelo governo brasileiro. O Barão de Ladário afirmava que, ao fiar-se na orientação dos trabalhos de Teffé, o Império estaria anexando indevidamente territórios da República vizinha. Ao articular sua própria defesa, Teffé reabilitou a memória dos primeiros demarcadores, demonstrando amplo conhecimento da história dos tratados de fronteiras. Seu discurso desfiou, fibra por fibra, a operação de consolidação do Império, desde os tempos remotos das bulas papais até o litígio em questão.

Os elementos encontrados no material da Revista produzido por Teffé, sem referência direta as concepção de geografia, quando relacionados à sua carreira de expedicionário, correspondente de guerra³⁷ e responsável pelo desenho das fronteiras brasileiras ganham sentido. Para o Barão, a geografia parecia se confundir com a própria missão exploratória, visão comum no século XIX.

É interessante notar que os demais autores, dos artigos do primeiro ano da revista, sob a administração de Teffé, parecem seguir a mesma linha de seu Presidente quanto à despreocupação em relação às definições de geografia.

Enfim, tanto o perfil da revista quanto as concepções de geografia neste período parecem refletir a verve pragmática de Teffé, estando estritamente relacionada à temática diretamente vinculada ao reconhecimento e à organização do espaço.

Após a cisão e a defecção de Teffé em 1881, um novo grupo assumiu a diretoria da filial e a redação do periódico. Desde 1883 a publicação, capitaneada por Ladislau Neto, presidente do grêmio, foi retomada e carregou com mais força nas tintas brasileiras. A linha da edição parecia estar traçada: em primeiro lugar a geografia do Brasil e não a exaltação das explorações em África como queriam os portugueses.

E foi assim que os trabalhos sobre os índios do nosso sertão, seus costumes e linguajar, ganharam relevo na publicação.

O índice deste periódico nesta segunda fase, refletia o tom do diapasão ideológico do Presidente da Seção, Ladislau Neto. Afinal, Ladislau acreditava ser necessário

³⁶ José da Costa Azevedo ou Barão de Ladário (1825-1904) iniciou carreira como guarda marinha em 1839, tendo servido na Marinha norte-americana. Galgando vários postos até chegar ao almirantado, serviu na guerra do Paraguai e na sua seqüência foi nomeado ministro da marinha em 1869. Conselheiro do imperador, trabalhou na determinação dos limites entre o Império e a república do Peru. Ainda que a as instruções para demarcação dos limites entre os dois países tivesse sido dada em 1861, vários anos decorreram para que o trabalho finalizasse, entremado por conflitos com índios. Internet: [http:// geocities. Yahoo. Com . Br.](http://geocities.yahoo.com.br)

³⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

desenvolver a antropologia e a arqueologia, ciências já com certa tradição no velho mundo, para que pudéssemos entrar para o concerto das nações civilizadas. Na sua concepção, o estudo das culturas indígenas americanas deveria ter a mesma dimensão dos realizados sobre as culturas antigas na África e Ásia. Para ele o "modus vivendi" dos índios da América poderia estar na origem das culturas européias, ao contrário do que era voz corrente acreditar.³⁸

Na gestão que sucedeu à de Ladislau, ancorada no Barão de Parima, perfil da revista assemelha-se ao precedente; assim Mendes Pereira deu prosseguimento aos seus estudos sobre o Neengatú e Noronha Torrezão arriscou um artigo sobre a Velha América em mais um ensaio sobre os Tupis.

Em fins de 1884, quando da saída de Parima, Brito Cunha foi nomeado diretor interino e organizou um fascículo³⁹ nos moldes anteriores, contando agora com a contribuição de Capistrano de Abreu. .

Durante as administrações de Ladislau Neto, do Barão de Parima e Brito Cunha, houve um afastamento claro em relação às discussões sobre a África que tanto interessavam a Lisboa, e que motivaram a criação da Seção. Entretanto, no que concerne as visões de geografia, as gestões, sucessivas, de Ladislau Neto, do Barão de Parima e de Brito Cunha não se diferenciam da primeira fase. Nos dois momentos, a prioridade foi "fazer geografia", trazendo expedicionários ou reproduzindo relatos de incursões aos sertões. Em jogo, uma definição de geografia como exploração de territórios.

A gestão de Barão de Jaceguay como Presidente da diretoria⁴⁰, terceira fase em nossa classificação, imprimiu um novo perfil à Revista. Neste⁴¹ período, a simples leitura do Sumário já denota algumas diferenças como a inclusão da ata de posse desta diretoria (a única incluída em toda a coleção), artigos intitulados "*Política Colonial*" e os "*Resumés*" anteriormente descritos. A partir de então, as discussões sobre a disputa dos territórios africanos se tornaram mais freqüentes e os artigos passaram a apresentar características distintas das apresentadas ao longo de toda publicação. Sob esta direção, a revista parece

³⁸ Sobre Ladislau Neto, baseei-me em FREITAS, Marcus Vinícius. FREITAS, Marcus Vinicius. *Charles Fredrik Hartt, um naturalista no império de Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

³⁹ RSSGL, janeiro e fevereiro de 1885.

⁴⁰ Na gestão do Barão de Jaceguay, iniciada em fins de setembro de 1885, esteve à frente da chefia de redação, Zeferino Candido. Antônio Zeferino Candido da Piedade (1848-1912) veio para o Brasil em 1878, retornando a Portugal em 1901. Em 1910, com a aproximação da República, exilou-se na Espanha. Doutor em matemáticas e bacharel em filosofia por Coimbra, foi sócio do IHGB (1899), tendo escrito nos seguintes periódicos: "O Cruzeiro", "O País", "A Época" (do qual era proprietário). Além disso exerceu o cargo de diretor do colégio Alcântara e publicou obras sobre matemática e um livro sobre as comemorações do IV centenário da descoberta do Brasil. Dicionário Biobibliográfico de Sócios estrangeiros (século XIX) Rio de Janeiro, IHGB, 2001.

⁴¹ Estamos falando dos três números do segundo semestre de 1885.

transpirar os ideais colonialistas portugueses, com viés abertamente pró-lusitano. Os artigos acerca do Brasil, na sua maioria, restringiram-se à reprodução de trabalhos versando sobre a fauna e a flora dos territórios do império, artigos produzidos no século XVI.⁴²

Desde o número inicial desta fase, a revista ganhou novos ares. Se na declaração de abertura a equipe de redação promete notícias do movimento geográfico geral e declara seu interesse pela corografia brasileira (não aparentando destoar do que fora a fase anterior), nos discursos reproduzidos na ata da sessão de posse da nova diretoria emerge o desejo de diferenciação deste grupo em relação às diretorias pregressas. Cabe aqui chamar a atenção para a composição deste "novo grupo gestor" da Seção em relação aos que lhes antecederam, pois se percebe certa concentração de portugueses radicados nos postos-chaves, ao redor de Jaceguay. Assim temos: José Ferreira de Araújo, como vice-presidente da Seção; Zeferino Candido na qualidade de diretor da revista, a reinar em confortável maioria, ao lado de Felipe Pestana, somente Capistrano de Abreu e Jaceguay não pertenciam à colônia portuguesa, mas eram muito ligados a ela. Sem contar com a atuação sempre constante do representante do Gabinete Português de Leitura, Ramalho Ortigão.

Neste período a revista fez sua estréia com um artigo de Zeferino Candido intitulado "*Política Colonial*". Através de uma arguta análise, com riqueza de detalhes, Zeferino Candido apresenta ao leitor o quadro de disputa entre as potências da Europa. Ainda neste universo, encontramos um exemplar inteiramente dedicado à comemoração dos feitos em África de Roberto Ivens e Hermenegildo de Brito Capello⁴³. A situação, no entanto, é bem diversa daquela descrita em relação às homenagens dedicadas à Serpa Pinto, em 1881. Nesta terceira fase da coleção de Revistas, os pronunciamentos de Joaquim Abílio Borges⁴⁴, membro relator da Comissão de estudos sobre Portugal e suas colônias, e as do sócio eleito orador pela seção - Antônio Zeferino Candido- ganham outro patamar, pois, no discurso de ambos, não existe menção ao Brasil, uma sequer. Abílio Borges canalizou seu discurso para uma descrição quase bíblica das explorações de Capello e Ivens enquanto Zeferino Candido entrelaçou os feitos de antigas dinastias ibéricas, da reconquista da península, passando pela formação do reino de Portugal, até aquele momento, de retomada da colonização em África por portugueses. Zeferino justifica a colonização como meio de

⁴² Capistrano de Abreu contribuía com a Seção datando e identificando autores de obras como "*Do clima do Brasil e terra e de algumas cousas notáveis que se acham assim na terra como no mar*", de 1584 de Fernão Cardim. Outras vezes a revista reproduziu carta do próprio Capistrano.

⁴³ Os exploradores portugueses, Hermenegildo de Brito Capello (1841-1917) e Roberto Ivens (1850-1898), ambos oficiais da marinha, notabilizaram-se por suas incursões nos sertões africanos, uma delas em 1877, juntamente com Serpa Pinto.

⁴⁴ Joaquim Abílio Borges, educador e advogado, primeiro diretor do que hoje se constitui como Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense, filho de Barão de Macaúbas (Abílio César Borges). Info texto: resumo histórico da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense e Notícias da Faculdade de Medicina da Bahia.

levar-se a civilização ao continente que, a partir do século XVI, teria estado nas mãos de holandeses, mais interessados em pilhar do que educar.⁴⁵

A farta alusão às concepções de geografia marcou também este momento. Para o almirante Jaceguay, em seu discurso de posse na Presidência da Seção, a geografia era uma ciência universal abarcando tudo: "*O mais rude e ignaro marujo é um geógrafo, sem o saber...*"⁴⁶. Ao que parece, Jaceguay⁴⁷, estaria familiarizado com a idéia das grandes sínteses globais, bastante difundida durante os séculos XVIII e XIX na Europa, quando, diante do gigantesco afluxo de informações, decorrente de explorações, os homens de ciência se empenharam em inventariar e organizar o material recolhido. Nesta conjuntura, a geografia era entendida muitas vezes como o campo de estudos da Terra, esta encarada "*como um organismo*".⁴⁸

Mesmo assim, apesar da preocupação maior em definir geografia, Jaceguay termina também associando geografia a idéia de exploração dos territórios.

Em uma retrospectiva de nossa classificação dos conteúdos da coleção de Revistas, editadas pela Seção, podemos perceber pontos de continuidade bem como pontos de ruptura. O afã da exploração, sem dúvida, unificava todas as tendências e projetos de geografia, mediante a costura das fronteiras do Império alinhavadas pelos demarcadores, os territórios descritos pelos exploradores, o perfil de suas gentes levantado pelos antropólogos e as imagens de nação edificadas pelo literato. Em nenhum momento, houve questionamento acerca da necessidade da colonização.

A delimitação de fases do periódico, calcada na ênfase conferida a alguns temas, explicitou as diferenças de fundo entre a visão de portugueses e brasileiros: enquanto os primeiros sonhavam com os sertões africanos, os demais pensavam nos sertões do Brasil. Em jogo propostas diferentes para a geografia nacional, concepções diferentes de nação. A linha de clivagem da Seção, vislumbrada na análise do periódico, dividia também os institutos de geografia do Rio.

A questão nacional como divisor de águas nas geografias do Império.

⁴⁵ O discurso de Zeferino Candido, ligando o passado português ao projeto de desenvolvimento da nação, coaduna com o grande envolvimento da SGL na reciclagem da memória portuguesa através das homenagens e comemorações em busca de uma nova identidade portuguesa em fins do XIX, como se vê em CATROGA, Fernando. "Ritualizações da História". In: TORRAL Luis Reis et ali. *Historia da Historia em Portugal. Séc. XIX-XX. Da historiografia à memória Histórica*, Volume 2. Coimbra, Temas e Debates, SIG, 1998. Sobre a relação memória e identidade ver POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social".. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

⁴⁶ RSSGL, 2ª série, nº1 de 1885.

⁴⁷ Como já vimos, tanto Jaceguay quanto Zeferino possuíam em seus currículos largos períodos na Europa; Zeferino, com a chegada da República no Brasil, retorna para sua terra de origem, Portugal.

⁴⁸ GOMES, Paulo César. Geografia Fin-De-Siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: *Explorações Geográficas*. CASTRO, Iná. Et ali. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1999.

No Brasil de fins do século XIX, o sentimento de brasilidade não havia ainda tomado forma nem consistência. Durante um longo tempo, a lealdade dos homens que habitavam estas paragens se dirigiu mais às províncias na qual viviam e menos à distante nação brasileira, da qual pareciam não tomar parte. O mesmo ocorreu com a ambígua noção de pátria, muitas vezes pintada com as cores locais, enquanto a identidade brasileira edificou-se por oposição aos estrangeiros, sem a forte sensação de pertencimento ao país.⁴⁹ Por ocasião da Independência o que havia era ressentimento antilusitano, porém restrito às camadas médias e populares das grandes cidades costeiras. Em fins dos oitocentos, ainda se ouvia dos representantes do Império, declarações considerando os brasileiros como os portugueses da América.⁵⁰

Em algumas ocasiões, em movimentos cívicos como o da Guerra do Paraguai e as campanhas abolicionistas, durante o Império, desenhava-se com maior nitidez o caráter nacional. Mesmo assim, com a República e a eliminação da dinastia portuguesa, muito ainda se buscou fazer com o intuito de se solidificar o sentimento nacional.⁵¹

As afirmações contidas no livro⁵² de José Veríssimo, "A Educação Nacional", publicado na aurora da República, parecem confirmar este diagnóstico. Segundo o autor, tudo ainda estava por fazer quanto à construção de uma educação verdadeiramente nacional, para ele inexistente. Consternado com a pobreza desse sentimento no brasileiro, o professor arrolou em seu texto alguns dos sintomas desta fragilidade, preconizando como solução a organização consciente da instrução pública, como em outros países, onde a educação exerceu função na integração do espírito nacional.

Para Veríssimo, a história e a geografia deveriam desempenhar papéis importantes no processo de construção da identidade nacional de um país, onde estrangeiros conheciam melhor do que os nacionais suas gentes e terras. Seu texto estabelece um verdadeiro programa para uma geografia pátria brasileira, explicitando sua funcionalidade.

Se este era o panorama do sentimento de brasilidade, no período final do império, impreciso e volátil, seria oportuno descrever de forma mais acurada as diferentes visões do "nacional". Neste sentido, o primeiro passo foi dialogar com a historiografia do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

⁴⁹ CARVALHO, José Murilo. Brasil: Nações Imaginadas". In: *Antropolítica: Revista contemporânea de Antropologia e ciência política*. RJ: UFF, nº1, jan./jun., 1995.

⁵⁰ A idéia do Brasil como um imenso Portugal traduz antigas aspirações portuguesas, afinal o Brasil tornou-se Império antes de formar-se nação. MELLO, Evaldo Cabral de. *Um imenso Portugal*. São Paulo, Editora 34, 2002.

⁵¹ CARVALHO, José Murilo. Op. Cit. 1995.

⁵² VERÍSSIMO, José *A Educação Nacional*. Pará, Editores- Tavares, Cardoso & C^a.

Em geral, a feição da história pátria e da geografia nacional predominante no instituto de história, desde sua criação até fins do século XIX, restringiu-se principalmente aos marcos de compromissos com a tarefa civilizadora, iniciada pela colonização portuguesa. Seus fundadores⁵³ tinham como norte a idéia de continuidade, pois para eles a monarquia, instaurada em 1822, apresentava-se como sucessora do império ultramarino português.

Contudo, a visão de nação impulsionada pelo IHGB diferia de outras existentes no país. A imagem criada pela literatura, sublinhando a singularidade do nativo, não se coadunava com a da história realizada pelo instituto: para o IHGB, a cultura indígena não fornecia elementos significativos para a edificação de uma cultura nacional.⁵⁴

Se o instituto valorizava o elemento português, muitas correntes o detrataram, responsabilizando Portugal e a monarquia pelo atraso brasileiro, esta última, vista como a personificação do projeto de continuidade lusa. A rejeição a herança lusitana reacendeu-se no último quartel dos oitocentos. Desde então, lentamente, e de vários pontos do país, grupos de oposição ao status quo, sob diversas formas, enfrentaram a ordem estabelecida. A contestação ganhou as ruas com as campanhas abolicionista e republicana. Entre esta miríade de grupos descontentes, correntes anti-lusitanas tomaram fôlego, muitas vezes associadas a outros modelos de Brasil, principalmente aqueles identificados com os Estados Unidos⁵⁵. Enquanto a figura do monarca, sua presença e a da família real estiveram na mira de alguns grupos, um Brasil republicano parecia ganhar força.

Nesta conjuntura os grêmios de história e geografia terminaram por se adequar aos novos tempos. A sobrevivência da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, bem como do Instituto Histórico, imagina-se, tenha sido obtida através de uma política de descolamento de seus projetos em relação às propostas e imagens do Império, sacrificando-se, assim, as relações, outrora tão estreitas, com a monarquia.

Quando Lisboa criou, no Rio de Janeiro, uma Seção de geografia, o fez nos moldes de uma política de continuidade, como a do IHGB, a pensar o Brasil como prolongamento português, porém mais exacerbada, pois da geografia requeria adesão imediata na urgente tarefa de manter os territórios moçambicanos. Os integrantes da Seção viram-se, assim, guinando entre duas posições: de um lado, compunham um grêmio filiado ao instituto português, sob a proteção de D. Pedro II, eram, portanto, porta-vozes dos interesses lusos

⁵³ Parte significativa dos fundadores do instituto havia nascido em Portugal, tendo para cá imigrado quando da invasão napoleônica à Península Ibérica, permanecendo fieis à casa de Bragança. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Op. Cit. 1988.

⁵⁴ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. "A Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e os temas de sua historiografia (1839-1857), fazendo a história nacional". In: *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Idéias filosóficas e sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. WELLING, ARNO (Org.). Rio de Janeiro: IHGB, 1889.

⁵⁵ CARVALHO, José Murilo. Op. Cit 1995.

no Brasil; de outro, sensibilizavam-se com o verdadeiro levante de novos e convidativos projetos para o Brasil.

A guinada dada pela Seção, expressa na última fase da Revista, tornando-se menos brasileira e mais portuguesa, engajando-se mais profundamente ao projeto de um Brasil como continuidade ibérica, atrelou definitivamente sua sorte à do Império. Este, ao ruir, esvaziou de sentido o projeto da filial da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil.

A geografia nacional, com o sentido que lhe emprestou Veríssimo, isto é, focada no Brasil e realizada por brasileiros, não cabia em uma Seção de um instituto português, pois ali havia que se respeitar o princípio da hierarquia e da prioridade indicado por Portugal.

Nesta conjuntura, Portugal deveria cruzar novamente o Atlântico, de volta. A pátria de uns não deveria mais ser confundida com a do outro Brasil tentava se separar definitivamente do legado ibérico!